

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 337

Data: 11.08.91

Pg.: \_\_\_\_\_

# Invasão ameaça a Ilha do Bananal

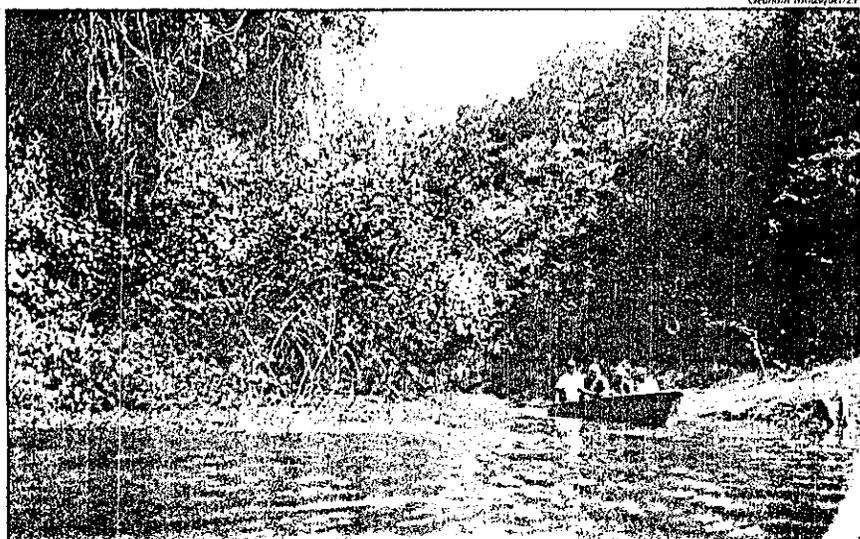
□ A maior ilha fluvial do mundo já sofre com problemas próprios das regiões "civilizadas". Seu território é maior que a Holanda

GEANONI MOUSQUER

Enviado a Tocantins/ZH

A Ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo e uma das maiores reservas ecológicas do Planeta, está seriamente ameaçada pelas fazendas clandestinas, pela invasão de milhares de cabeças de gado e pela caça e pesca predatórias. Essa foi a principal constatação da expedição ecológica que reuniu, durante uma semana na ilha, ambientalistas, técnicos e jornalistas brasileiros, holandeses, canadenses e ingleses. A pé, em barcos, balsas e jipes, o grupo, com 30 pessoas, percorreu trilhas, igarapés e rios verificando a ação predatória que já causa graves desequilíbrios ambientais.

O principal resultado foi a definição de propostas reunidas na "Carta da Ilha", um documento que pretende alertar as autoridades e as comunidades científicas nacionais e internacionais para os riscos a que esse patrimônio natural está sujeito. "O tempo disponível para as devidas correções de percurso é muito curto. A Ilha do Bananal já demonstra sinais de debilidade, como deficiência de fauna e flora e vegetação intrusa tomando espaço, além dos graves



No Araguaia: enfrentando as dificuldades, em meio à selva do Bananal

problemas enfrentados pelo habitante primitivo, o indígena, assolado pela interferência maléfica do homem branco" — diz a Carta.

**PROBLEMAS** — O "Abraço à Ilha" como a expedição foi chamada, demonstrou que apesar de seu aparente isolamento, a Ilha do Bananal já enfrenta todos os problemas co-

muns ao meio ambiente no País. E não é difícil entender porquê. De um lado centenas de fazendeiros, bebedores, posseiros, caçadores e pescadores com aproximadamente 350 quilômetros de rios de cada lado da ilha, à disposição para serem atravessados. Do outro, nove homens do Ibama, cinco barcos e quatro jipes para cuidarem do Parque Nacional

do Araguaia — que ocupa um terço da ilha — e dois homens da Funai, com um barco comprado por um deles, para vigiar o Parque Indígena do Araguaia e cerca de 2.400 índios das nações Carajás e Javaés. No total, 11 homens encarregados de fiscalizar e proteger dois milhões e meio de hectares: um território maior que a Holanda ou a Bélgica.

## Pecuária clandestina avança

A pecuária clandestina tem sido o maior problema enfrentado pelos órgãos de proteção ao meio ambiente na Ilha do Bananal. A invasão de milhares de cabeças de gado provenientes dos municípios vizinhos altera o ecossistema entre as espécies selvagens — doenças antes restritas aos animais domésticos, como a febre aftosa, por exemplo, que têm contribuído para a morte de dezenas de cervos do pantanal. Atualmente em extinção, o cervo tem na ilha um de seus poucos refúgios naturais.

Zona de transição entre o Pantanal e o cerrado, a ilha tem pastagens de excelente qualidade que atraíram, há muitos anos, posseiros que lá se fixaram, dedicando-se à criação de gado, e continuam atraindo criadores da região quando a seca, nos meses de inverno, atinge seus pastos. Segundo o superintendente do Ibama do Tocantins, Albérico Soares, existem hoje no Parque cerca de 32 mil cabeças de gado, 17 mil das quais são de fazendeiros que moram na ilha e as demais — 15 mil — de invasores, "retireiros" como lá são conhecidos.

A questão reflete também a dificuldade enfrentada pelas autoridades ambientalistas quando interesse político e econômicos estão em jogo e os grandes fazendeiros locais apelam a Brasília para um "relaxamento" na proibição da entrada do gado. Em 89, Albérico Soares era diretor do IBDF e, após assistir a uma superinvasão de mais de 100 mil bovinos, etc

intensificou a fiscalização nas principais entradas da ilha para impedir a entrada dos rebanhos:

— Dias depois, vieram ordens de Brasília para que a proibição fosse revogada, conta.

— No ano passado, já no Ibama, proibimos novamente a entrada do gado e desta vez não adiantaram as pressões de Brasília, pois a presidência do órgão manteve a proibição, acrescenta.

**MULTAS** — Ele garante que as condições para atuar na preservação do Parque melhoraram muito em relação aos anos anteriores, principalmente porque antes o IBDF estava subordinado ao Ministério da Agricultura, "que defendia primeiro os interesses dos pecuaristas" avalia. Além disso, conta Soares, antigamente cada infração deveria ser cuidada por um órgão diferente. "Se o problema fosse com queimadas era com o IBDF, se fosse pesca predatória tinha de ser com a Sudepe e assim por diante. Agora não. Temos quatro poderes de fiscalização. Contra as queimadas, contra a caça e pesca predatória e contra a invasão de gado em parques nacionais". Aproveitando a greve do Ibama e a cheia dos rios até o final de junho que impediram qualquer mobilidade para os fiscais na ilha, os "retireiros" continuaram entrando, de qualquer forma em menor número. (Do enviado a Tocantins/ZH)

## Expedição enfrenta problemas

Idealizada há quase um ano pelo presidente da Associação Ecológica Gaia, Divaldo Rezende — um engenheiro agrônomo que trocou um emprego tranquilo em Belo Horizonte pelas adversidades de atuar em fronteiras como Roraima e Tocantins —, a expedição ecológica à Ilha do Bananal mobilizou todos os órgãos que atuam no meio ambiente em Tocantins. Além da Gaia, participaram de sua organização o Ibama, a Funai, a Fundação Natureza de Tocantins — Naturatus, órgão ligado ao governo estadual. Uma verdadeira operação de guerra foi montada para permitir que 30 pessoas pudessem chegar até a sede do Parque Nacional do Araguaia e lá permanecer alojados durante uma semana.

A expedição iniciou em Paraisópolis do Tocantins, uma cidade localizada no centro de Tocantins, às margens da rodovia Belém-Brasília. De lá até a sede do parque no lado ocidental da ilha, à beira do rio Araguaia — cerca de 250 quilômetros — foram 12 horas de viagem, das 7 da manhã às 19h, o que ilustra bem todas as dificuldades encontradas. A primeira parte até Barreira da Cruz, espécie de portão de entrada da ilha, foi feita de ônibus. De lá os participantes, depois de atravessarem o rio Javaés em uma balsa, passaram para quatro camiones e percorreram cerca de 40 qui-

lômetros por trilhas até o rio Riozinho que atravessa a ilha.

Ali começou a experiência dos membros da expedição com as "voadeiras", pequenos barcos com motor de popa, o transporte mais utilizado na região. Foram diversas viagens a outra margem até que mantimentos, malas, sacolas e todas as pessoas — já então aumentadas com os funcionários do Ibama e da Funai —, estivessem do outro lado. A viagem prosseguiu novamente em jipes enfrentando atoleiros e riachos até a chegada na sede, uma clareira com cinco casas iluminadas por um gerador.

**PARTICIPANTES** — O principal integrante da expedição era o holandês Peter Rosenecker, representante da FAO — organismo das Nações Unidas para a Alimentação — que foi ver de perto as condições da ilha para possíveis financiamentos externos ao Plano de Desenvolvimento Agrícola do Estado do Tocantins, que engloba a questão ambiental. Tjerd Kaostra, conselheiro agrícola da Embaixada da Holanda, July Anne Coimbra, da Embaixada do Canadá, e Nicholas Taylor, da Universidade de Cambridge, também participaram, levantando subsídios para futuros intercâmbios a serem mantidos com as entidades. (Do enviado a Tocantins/ZH)

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 337

Data: 11.08.91

Pg.: \_\_\_\_\_

### Animais selvagens estão desaparecendo

□ Hoje, para ver um cervo do pantanal, na Ilha do Bananal, é preciso chegar a locais praticamente inacessíveis e esperar

#### GEANONI MOUSQUER

Enviado a Tecnotins/ZH

A consequência mais visível dos problemas enfrentados pelo meio ambiente na Ilha do Bananal é o desaparecimento das principais espécies selvagens de locais mais acessíveis. Hoje para se ver um cervo do pantanal, um jacaré-açu ou um bando de tuiuius, por exemplo, é preciso acordar cedo, penetrar em ilhas e igarapés de difícil acesso e esperar pacientemente que eles apareçam.

A invasão do gado espalhando doenças, a caça e a pesca predatória, as queimadas e os agrotóxicos das lavouras circunvizinhas à ilha estão dizimando os animais — a maior parte deles já em extinção — ou fazendo com que eles adquiram hábitos diferentes, restringindo sua área de exposição. Segundo o superintendente regional do Ibama, Alhérico Soares, os animais estão hoje praticamente confinados a duas porções de

mata primitiva de aproximadamente 50 quilômetros quadrados cada uma, consideradas verdadeiras reservas genéticas para o repovoamento da Ilha do Bananal.

A Mata do Mamão, localizada no centro da ilha é um desses locais, inatingíveis e cuja entrada só é permitida à cientistas. Eles se destinam a evitar a extinção de animais como o tuiuiú, o lobo guará, a onça pintada, a jaguatirica, o gato maracajá, as ariranhas, o cervo do pantanal, o tamanduá bandeira, o mutum de penacho, o jacaré-açu, além de muitos outros relacionados pelo Ibama.

**AMEAÇAS** — Todas essas ameaças já começaram a provocar um significativo desequilíbrio no ecossistema da ilha. Morto por caçadores ou pelo agrotóxico, o jacaré praticamente desaparece do Rio Javaés, braço direito do Rio Araguaia e que limita a ilha pelo lado oriental. Livres de seu principal predador, as piranhas hoje infestam as suas águas, em quantidade que já assusta os moradores da região.

Todo cuidado é pouco em rios infestados por piranhas. Duas semanas atrás, um dos funcionários do Ibama, Jivaldo Souza, participava



No Bananal: os índios estão ameaçados de extinção

de um churrasco com outros fiscais, quando uma das cabritas escorregou correndo em direção ao rio Javaés.

Na opinião de seus colegas ele deve ter escorregado no barranco e caído nas águas provavelmente com algum corte feito por um arbusto ou algo parecido. Quando um outro colega chegou viu apenas um borbulho imenso na água. Horas mais tarde o que restou de seu corpo foi encontrado boiando. Além do esqueleto, restara o couro cabeludo e a parte do corpo coberta pelo calção que vestia.

**TARTARUGAS** — Um dos mais bem sucedidos projetos para evitar a extinção de animais desenvolvidos pelo Ibama no Parque Nacional do Araguaia é conhecido como "Quelônios" destinados à preservação das tartarugas e que já garantiu a sobrevivência de mais de 10 milhões de filhotes na Ilha do Bananal. O processo basicamente consiste em marcar os locais de desovas onde são depositados de 70 a 120 ovos nos tabuleiros, como são chamados as partes mais altas das praias do rio Araguaia.

### Doenças dizimam os índios

A realidade da Reserva Indígena do Araguaia, que ocupa a porção central e sul da Ilha do Bananal, é uma incógnita. Nenhum dos órgãos envolvidos com o meio ambiente na região — Funai, Ibama, Naturantins e Gaia — sabe ao certo as condições em que a ilha está nessa área. Mas os dois únicos funcionários da Funai que atuam aí calculam que além dos 2.400 índios das nações Carajás e Javaés já existem mais de 10 mil brancos, posseiros, que invadiram a reserva, formando até vilas. Não existem dados definitivos, nem sobre as invasões, nem sobre o gado ou sobre caças e pescas predatórias.

O que eles sabem com certeza, como o médico João Moreira Júnior, da 6ª Superintendência da Funai e cuja jurisdição engloba a ilha, é que a subnutrição, as doenças e a miséria estão dizimando as tribos. Em 85 eles eram 3.500. Mais de mil índios morreram ou deixaram a reserva em menos de seis anos. As estatísticas irregulares que o chefe do posto indígena Carajá Macaúba — o mais próximo do Parque Nacional — Reginaldo Honorato Amorim, mantém demonstram que morre um índio adotado e uma criança por mês na reserva.